

POESIA AGORA: PRODUÇÃO E CRÍTICA DA DIVERSIDADE

Lucas Viriato (PUC-Rio)¹

Resumo: Esta pesquisa quer rever e tratar do ponto de vista teórico-crítico os critérios usados na experiência pessoal e empírica de curadoria da exposição *Poesia Agora*, a fim de ampliar o estudo do contexto da poesia nacional pós-2000. É também a oportunidade de avaliação acadêmica das surpresas e questões levantadas ao longo do processo de trabalho e de verificação de quais indícios estas podem nos fornecer. Assim, será buscada a própria força pensante que a poesia atual pode produzir sobre si mesma. O objetivo é empreender uma investigação crítica, uma reavaliação estética e política sobre a poesia contemporânea, entendendo-a para além do âmbito meramente textual, mas dentro de um sistema de práticas sociais.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea; Crítica, teoria e prática literárias; Novos cenários da poesia; Cartografia poética.

The past must be **I**nvented
the future **M**ust be
rev**I**sed
doing bo**T**h
m**A**kes
wha**T**
the presente **I**s
disc**O**very
Never**s**tops

- John Cage

Poesia concreta, prosa caótica. Ótica futura.

- Caetano Veloso

O momento atual da poesia é considerado por alguns críticos como de crise, desânimo e estagnação. Em “Poesia e paisagens urbanas”, Antonio Cicero nos dá o pano de fundo desse cenário, ao lembrar que a vitória das vanguardas paradoxalmente levou à impossibilidade do surgimento de novas vanguardas (2005). Com isso, em contraponto com a efervescência do século passado, teríamos agora uma situação de aparente imobilidade no campo da criação poética. No entanto, por outro lado, uma

¹ Doutorando em Letras (PUC-Rio), poeta, editor do jornal literário *Plástico Bolha* e curador da exposição *Poesia Agora*. Contato: viriato.lucas@gmail.com.



multidão de novos poetas parece seguir seu caminho e levar adiante a poesia, independente da crise e do mal-estar crítico, lidando com o "próprio ridículo" (SISCAR, 2015) que é continuar falando depois que tudo já foi dito. Assim, passadas as agitações e transformações das vanguardas do século XX, passada a poesia concreta dos anos 50/60, passado o período marginal e a sua poesia-vida dos anos 70, passado o reencontro da poesia com a academia dos anos 80/90, quais as tendências apresentadas após a virada do século e quais dessas características vêm se apresentando como verdadeiras linhas de força nestes primeiros quinze anos do novo milênio?

A exposição Poesia Agora

A Estação da Luz está no coração de São Paulo, no coração do Brasil. Lá, o Museu da Língua Portuguesa, a sofisticada ideia de um espaço institucional para abrigar o maior de nossos bens imateriais. Nos quase dez anos de museu, muitas exposições, grandes nomes: Guimarães Rosa, Oswald de Andrade, Jorge Amado... Estação da Luz, São Paulo: os poetas vivos armam o cerco. Os poetas de agora vão invadir. A mais sub-reptícia das invasões: ser convidado a entrar. A exposição *Poesia Agora* fez esse convite.

A exposição, da qual fui o curador, foi aberta ao público de 26 de junho a 27 de setembro de 2015. E veio a ter futuras edições na Caixa Cultural de Salvador e do Rio de Janeiro, neste ano de 2017. Enfileiraram-se lado a lado, mais de quinhentos autores: os mais consagrados, ganhadores de prêmios e editais, e os mais inéditos, desconhecidos, garimpados com persistência, os longínquos. Os que conheci ao longo dos anos de trabalho como editor no jornal *Plástico Bolha*, os que conheci nas viagens literárias, os que conheci nos eventos, os que vieram por indicação. Os critérios de convocação foram inclusivos, horizontais. A ideia foi variar as dicções, os temas, as propostas. Para ser poeta, basta estar vivo e, ao seu modo, escrever. O eixo Rio-São Paulo continua a ser um eixo, mas agrega Minas e o Sul. Chegam os poetas do Nordeste, do Norte, do Centro-Oeste. Um angolano, alguns portugueses, por que não? A mais nova das poetas tem 15 anos de idade, vem de Natal e é considerada uma revelação, apesar de já escrever há muitos anos. A mais velha, 85 anos, do Rio de Janeiro, acaba de lançar seu primeiro livro e está vivendo sua "estreia" no fim da vida.



O autor indicado como destaque é, na verdade, uma dupla de poetas e artistas plásticos, composta por um taiwanês radicado em São Paulo e um paulistano nato. Uma índia representa sua tribo entre as palavras.

Um poeta de rua arma a sua mesa no espaço, nela estão guardanapos coloridos e uma máquina de escrever. Os dizeres “troco um causo por um conto” adiantam a sua performance de guardanapos poéticos, com textos escritos pelo autor a partir das histórias que ouve do público. Outro borda as memórias do público em fotos antigas, de ouvido apurado, extraindo a poesia que as pessoas falam sem perceber. Ainda outro sussurra versos eróticos ao pé do ouvido. Uma professora da UERJ se mistura aos rappers de Feira de Santana. Todos se expressam.

Depoimentos poéticos nos elevadores. Escadas cujos degraus são lâmpadas com versos dão luz ao ambiente e se iluminam com a chegada do leitor. Uma sala, baseada no antigo *scriptorium* da Idade Média, onde monges copistas passavam horas transcrevendo textos, está repleta de livros em branco. Um enorme relógio conta o tempo com letras, e não com números. Nessa sala, a leitura, a escrita e o desafio poético. Livros com palavras na lombada a serem rearrumados. A poesia se fazendo, desfazendo, refazendo. Poemas de quatrocentos poetas espalhados pelos livros. As demais páginas começam em branco e vão se enchendo, a cada ideia, a cada verso, a cada visitante que ousa participar, compondo um grande acervo a ser investigado. E vem uma excursão escolar, e o espaço se enche de crianças barulhentas. Uma freira de hábito lê o texto de apresentação. O *Plástico Bolha* está lá, sendo distribuído. Os textos em exposição, nos mais diferentes suportes, dão conta do seu próprio estatuto. Estão nos livros, nas ruas, nas paredes, nos banheiros. Neste, o momento de intimidade, de se olhar no espelho; e a poesia toma até esse suporte. A poesia de agora também se olha no espelho, se desloca e se reflete.

No palco, tudo ao vivo. Ao redor do palco, uma faixa mede o espaço através das letras, e não dos números. Aos sábados, o encontro, o corpo, a performance, um poeta muda de personalidade a cada apresentação. Um corpo, muitas personas. No *slam* de poesia, uma batalha de versos. Visitantes estrangeiros escrevem em suas próprias línguas para o desafio poético, por que não? Uma sala expõe fotos de poesia escrita pelas ruas de diversas cidades. Pichação poética, intervenção, crime. Os visitantes podem fotografar seu encontro inusitado com a poesia urbana e enviar para a produção,



contribuindo e participando da curadoria. O interesse atual pelo assunto é grande. O público, com mais de 100 mil visitantes, é diverso, heterogêneo, aberto a desafios: aceita a participação com entusiasmo. Recepção e produção em constante intercâmbio. O visitante é também o curador. O curador é poeta. O poeta é curador e visitante. Todos são poetas. Todos são críticos.

Eles eram muitos poetas, e o ambiente é rico, vasto. Múltiplos usos da palavra, múltiplas práticas, múltiplas singularidades. Os ademanos de cada poeta. O ambiente é diverso e não pode caber em um só ambiente. Explodiu. Explodiu em versos. E há quem fale em crise na poesia.

A relação entre teoria e prática também precisa ser revalorizada de modo dinâmico e complementar. Nesse sentido, este trabalho representa uma volta à teoria de uma prática crítico-literária — visto que a exposição *Poesia Agora* é um desdobramento artístico ampliado, em outros suportes, do projeto de pesquisa poética que realizo há mais de dez anos com a publicação do jornal literário independente *Plástico Bolha*, nascido nos tempos da graduação na PUC-Rio. Na mesma direção, um trabalho já foi desenvolvido em minha dissertação de Mestrado, promovendo reflexão crítica sobre o momento atual através de uma espécie de auto-etnografia coletiva.

Ao longo dos trabalhos como editor, curador e produtor, pude perceber o amplo interesse que o assunto desperta tanto na academia como no público em geral. Se, por um lado, o panorama da crítica é, por vezes, negativo e apocalíptico, as 104.015 pessoas que visitaram a exposição pareciam ter algum tipo de interesse, em menor ou maior grau, pela poesia produzida pelos poetas de hoje.

A poesia pós-2000

No texto “A poesia no momento pós-vanguardista”, Paulo Henriques Britto nos lembra do poema de Kaváfis “À espera dos bárbaros” e sugere que “os artistas de hoje, tal como os romanos à espera dos bárbaros, se veem privados da luta contra o academicismo” (2012, p.114). Essa luta revolucionária contra os modelos clássicos teria sido o principal mote das mais variadas artes ao longo do século passado e, agora, após o já citado esvaziamento das vanguardas, parece ter encontrado o seu esgotamento. Frente a tal situação, esta pesquisa procurará defender que o novo momento também



exige “novos olhos”, novos entendimentos das práticas poéticas político-discursivas e uma participação ativa do crítico, igualmente performática, na zona temporária de funcionamento desta poesia. Como diz Jacques Derrida em uma das passagens de *Acts of Literature*:

A performatividade de que vínhamos falando demanda a mesma responsabilidade por parte dos leitores. Um leitor não é um consumidor, um espectador, um visitante, nem mesmo um “receptor”. [...] A “boa crítica literária”, a única que vale a pena, implica um ato, uma assinatura ou contra-assinatura literária, uma experiência inventiva de linguagem, ou *na* linguagem, uma inscrição do ato de leitura no campo do texto que é lido. [p. 51-52, tradução minha]

Segundo Marcos Siscar, em "As desilusões da crítica de poesia", “parte da crítica brasileira de poesia tem expressado com frequência um sentimento de insatisfação em relação à produção contemporânea, em específico pelo enfraquecimento dos desafios que essa produção se coloca a si mesma” (2015). Poucos críticos — Italo Moriconi e Célia Pedrosa entre eles — mantêm uma visão positiva do momento atual, enxergando suas riquezas, enquanto a grande maioria dos pensadores de poesia segue a visão de olhar desesperançoso, colocando a poesia atual sob suspeita.

Na apresentação da antologia de poetas *Poesia.br:2000*, o editor Sergio Cohn atenta para as intensas transformações na forma de difusão da poesia. O advento da internet — com sites, blogs, revistas virtuais, vídeos de poesia e com a possibilidade da criação de novas redes — torna-se elemento definidor da forma como a produção poética vem se comportando nesse início de milênio. Esse novo cenário confunde crítica e público, expande conceitos, embaralha papéis; restando-nos a pergunta: “quem sobra?”. Ao mesmo tempo em que os poetas gozam da diversidade de dicções das escolas anteriores a seu dispor e fazem uso de todo esse repertório com ampla liberdade expressiva, os próprios meios criam poetas e poéticas novas e impensadas para os esquemas da poesia tradicional.

Se, antes, era possível identificar “a poética do momento” e os seus principais representantes, como fez Heloísa Buarque nos anos 70 com a antologia *26 poetas hoje*, e novamente nos anos 90, na antologia *Esses poetas*, o cenário atual parece se mostrar extremamente avesso a leituras unificadoras que permitam englobar a diversidade de métodos, propostas e discursos em uma só definição do que seja “a poesia do momento”. O cenário atual não parece animado em eleger destaques e representantes,



lembrando o povo nas ruas em 2013 que gritou em conjunto: “não tem líder”. É claro que nestas palavras de ordem também está contida a ideia de que “há vários/tantos/muitos líderes”. Qual recorte fazer dessa geração picotada, avessa a recortes? A mencionada ideia de uma cartografia poética múltipla, temporal e dinâmica (ROLNIK, 2015) pode ajudar a enfrentar o desafio inicial que é a paradoxal proliferação de poemas, livros e poetas em um cenário aparentemente de crise poética.

A virada do milênio marcou os cenários da escrita como um momento de democratização dos meios de produção e, com ela, novos valores se inseriram no campo da poesia. Segundo Italo Moriconi, no livro *A poesia brasileira do século XX*, após a revolução do pop na cultura ocidental, a democratização representa um horizonte inescapável para a prática da poesia. A diversidade passa a ser a chave da nova produção, que parece resistir a generalizações, linhas-mestras dadas pelo cânone e por qualquer outro tipo de “camisa de força”. Como diz Moriconi: “a poesia abrange sentidos que vão além da linguagem verbal, oral ou escrita. Espera-se que a poesia enquanto arte específica das palavras de algum modo revele ou esteja articulada com essa poesia além-livro, essa poesia da vida.” (2002, p.9). É preciso ver a poesia com olhos diversos.

Vale lembrar que a exposição *Poesia Agora*, impulso inicial desta pesquisa, contou com mais de quinhentos poetas (contadas as participações em vídeos e documentários). Este elevado número de participantes poderia ser tomado como sinal de que não haveria, na seleção, um “recorte” específico. Em relação a este ponto, podemos pensar no quanto os novos meios ampliaram o cenário da poesia. Quanto mais amplo for o entendimento do que pode vir a ser poesia, maior também não será o número de poetas e de poemas em circulação? A importância que a poesia ganha como impulso detonador de transformação social, como mecanismo de reivindicação e empoderamento de vozes antes silenciadas, não pode ser negligenciada. Saraus, encontros, feiras, movimentos, intervenções, publicações independentes são algumas das muitas possibilidades de ações sociais e políticas movidas pela poesia. Movimentos que, cada um a sua maneira, são alicerces de um modo de vida ligado à poesia que cada vez mais se afirma como transformador, político e pensante.

Essa forma de entender a poesia de modo expandido vai ao encontro do que defende Josefina Ludmer no texto “O que vem depois”: “hoje concebo a crítica como



uma forma de ativismo cultural e preciso definir o presente para poder atuar” (2012). Ou ainda, em “Literaturas pós-autônomas”: “Em algumas escrituras do presente que atravessaram a fronteira literária [...] terminam formalmente as classificações literárias; é o fim das guerras e divisões e oposições tradicionais. [...] Não se pode ler essas escrituras com ou nesses termos.” Os críticos que se mostram decepcionados apoiam-se na importância que a autonomia literária teve durante seu apogeu no alto-modernismo, o momento vibrante das vanguardas, e continuam tendo esta poesia como referência. Em paralelo, pesquisadores da cena atual, como Ludmer, exploram essa expansão para mostrar como a literatura produzida hoje abre mão da sua autonomia, se misturando às outras artes e à própria vida — fenômeno já sentido há muito em outras áreas artísticas.

Esse fenômeno também vem ao encontro do que Hakim Bey denominou “zona autônoma temporária” ao juntar “evidências suficientes para sugerir que um certo tipo de ‘enclave livre’ não é apenas possível nos dias de hoje, mas é também real” (1991, p. 4). Percebe-se que um espaço como o da exposição *Poesia Agora*, assim como o *CEP 20.000*, o *Sarau da Cooperifa*, a *Flupp*, o *Plástico Bolha*, entre muitos, foi “conquistado” de modo inventivo, articulando forças e apoios institucionais os mais variados. Diante da aparente contradição, em que a realização de um espaço “livre” parece apenas uma fantasia, é importante ressaltar que o próprio Bey declara que a “zona autônoma temporária” deveria ser “percebida como um ensaio (‘uma tentativa’), uma sugestão, quase que uma fantasia poética”, esta zona seria um espaço “efêmero e revolucionário — uma ilha de democracia” (1991, p.4). Espaços em que “o palco é da plateia como a praça é do povo”, como diz o jovem poeta Santiago Perlingeiro em entrevista sobre o *CEP 20.000* (2015).

Nos últimos anos, autores-atores-articuladores vêm realizando cada vez mais ações concretas (para a palavra poética e através dela) frente a um panorama crítico que não parece valorizar essas conquistas. É sobre esse pano de fundo contraditório que a poesia de agora vem sendo produzida no Brasil. Para cada dificuldade teórico-crítica e conceitual, podemos encontrar nessa cena mais invenção, criatividade, transformação de potência poética em potência de vida. Como já dizem alguns dos versos da exposição: “a poesia/ se insiste/ se é cisma/ (instinto?)/ é um passo/ na direção/ do abismo/ (infinito?)” (Leonardo Marona, RS); “o princípio de incerteza foi também um dia o/ nosso princípio.” (Laura Erber, RJ) “se alguém me visse agora/ veria não um, mas uma



horda" (Vitor Paiva, RJ) "Tragam-me os cacos: é de mosaicos que se vive." (Karline Batista, CE).

Assim, vale perguntar: quais serão os conceitos que a geração e o momento atual pedem para si mesmos? Partindo da análise que Marco Alexandre de Oliveira fez da exposição *Poesia Agora* no artigo *Viva a poesia agora*, o primeiro trabalho de crítica acadêmica sobre o evento, podemos identificar alguns conceitos que já podem servir de base à pesquisa. Segundo Oliveira, a luminosidade, a interatividade, a coletividade e a anonimidade que marcaram o trabalho de curadoria da exposição culminam em uma notória desautoridade que subverte a poesia institucionalizada. Ironicamente essa “subversão da institucionalização” ocorre através da sua própria institucionalização por meio da exposição *Poesia Agora*, em um espaço como o Museu da Língua Portuguesa. Citando o artigo de Oliveira:

De qualquer forma, a sua desautoridade criticamente desautoriza qualquer autoridade sobre a ‘poesia agora’. O que é a poesia de agora, e o que a autoriza a ser? Quem são os poetas de agora, e quem os autoriza a ser? Afinal, quem são as autoridades da ‘poesia agora’ que a autorizam como ‘poesia agora’? Ao revelar o mundo para transformá-lo, ao tornar leitores em escritores, ao desafiar o processo da produção literária, ao elevar a voz e a fala em relação ao texto e à escrita, ao destacar poetas ainda não publicados ao lado de poetas consagrados, ao mostrar poetas sem nome e poemas sem autoria, ao incluir a poesia periférica de rua, ao transformar visitantes em participantes, a exposição *Poesia Agora* contraria a autoridade poética em si e contrapõe a face subversiva de uma cena atual em fase de (re)produção através das ações dos seus novos atores, se não autores, de atuação. [p. 11]

Em suma, é preciso aproveitar a oportunidade de investigar melhor esta cena, através de seus conceitos intrínsecos. Como canta Caetano Veloso na música “Língua”, em que menciona uma “ótica futura” para se enxergar uma proposta de *frátria*, devemos sempre atualizar nossa “ótica”, nossa forma de ver, renovar o olhar para nossos objetos de análise. Seguir adiante, sem se esquecer de, frente aos indicadores da crise, mergulhar na pesquisa para buscar as riquezas estéticas e políticas da produção contemporânea, enfim, as suas potências — pois, como dito por John Cage, “a descoberta nunca termina”.

Referências bibliográficas

- BEY, Hakim. *TAZ: Zona autônoma temporária*. Trad. Patricia Decia e Renato Resende. <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/4a_aula/Hakim_Bey_TAZ.pdf>. Acesso em: 28 out. 2015.
- BRITTO, Paulo Henriques. A poesia no momento pós-vanguardista. In: OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (org.). *Literatura e criatividade*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- CICERO, Antonio. Poesia e paisagens urbanas. In: *Finalidades sem fim: ensaios sobre poesia e arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COHN, Sergio (org.). *Poesia.br:2000*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
- DERRIDA, Jacques. *Acts of Literature*. Ed. Derek Attridge. Londres: Routledge, 1991.
- LUDMER, Josefina. *LITERATURAS PÓS-AUTÔNOMAS*. Sopro 20. Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://culturaebarbarie.org/sopro/outros/posautonomas.html>>. Acesso em 1 nov. 2015.
- LUDMER, Josefina. *Lo que viene después*. Sevilha: UNIA arteypensamiento, 2012. Disponível em: <http://ayp.unia.es/dmdocuments/litydes_doc03.pdf>. Acesso em 1 nov. 2015.
- MORICONI, Italo. *A poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PEDROSA, Celia (org.). *Mais poesia hoje*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- PINTO, Manuel da Costa (org.). *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2006.
- PLÁSTICO BOLHA. Rio de Janeiro: edição independente, 2006-2017. Quadrimestral. ISSN 2318-972X.
- OLIVEIRA, Marco. *Viva a poesia agora*. São Paulo: UNESP, 2015.
- PERLINGEIRO, Santiago. *CEP 20 000 de cara nova*. Noo. Rio de Janeiro, 04 mar. 2015. Disponível em: <<http://noo.com.br/cep-20-000-de-cara-nova/>>. Acesso em 28 out. 2015.
- ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.
- SISCAR, Marcos. *As desilusões da crítica de poesia*. <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_509.pdf> Acesso em: 25 out. 2015.